

## Sobre a linguagem e o literalizar

Anselmo Cereza Netto

CRP: 08/19829

anselmocereza@gmail.com

Esse artigo tratará de um tema que tem importância tanto para entender os conceitos e teorias que serão discutidos nesse texto, quanto para qualquer situação do dia a dia de cada um. E se tem uma coisa que parece se fazer necessária mais do que nunca, é justamente esse tema da linguagem e como ela é usada (ou como ela não é usada a maioria das vezes) e principalmente, sobre nossa absurda tendência de sempre literalizar tudo.

Isso mesmo, a verdade é que sempre acabamos levando muita coisa para o literal, para uma interpretação extremamente concreta, nós não realmente paramos para ouvir o que tal pessoa quis nos dizer com isso ou aquilo, e nem sequer perguntamos para essa pessoa, pois acabamos decidindo que nossa interpretação é a única que vale dar ouvidos, e armados de nosso próprio concretismo e de nossas próprias conclusões dos fatos, vivemos assim então, com nossos egos devidamente alimentados de uma falsa sensação de satisfação, sem nunca achar que devemos alguma satisfação.

Parecem palavras realmente duras não é mesmo? Mas não é por aí, vamos começar aqui uma grande reflexão interna. Antes de começarmos a fazer então correlações com como usamos essa nossa linguagem literalizada, paremos para pensar agora, quantas vezes não tivemos brigas, discussões, desentendimentos, e tudo mais o que for, por um simples mal entendido? Uma interpretação errada, uma não comunicação com quem disse algo que ouvimos de forma hostil ou ameaçadora, que acaba gerando um momento que nos drena muita energia e muito tempo perdido, e pelo que? Será que vale a pena? E quando a situação parece ter se apaziguado, será que nós voltamos atrás, pensamos melhor na situação e perguntamos o que aquela pessoa realmente quis dizer com tudo aquilo, deixando de lado assim nosso ego tão orgulhoso?

Difícilmente nesses momentos em que o sangue sobe, damos o braço a torcer, para resolver a coisa num diálogo maduro em que se coloca as diferenças de lado e se discute o que realmente está acontecendo, e o que cada um sente com aquilo, pois cultivamos uma cultura do não assumir o que se sente/pensa realmente, e acabamos jogando sempre panos quentes na situação, fato que gera um acúmulo ainda maior dessas desavenças. E quando esse acúmulo resolve explodir, aí a coisa realmente complica.

Quando estava lendo uma das obras de James Hillman, chamada Psicologia Alquímica, me deparei com uma das propostas dele, a qual também vi em outros trabalhos desse autor, que muito me chamou a atenção, e que acho de extrema valia estarmos discutindo aqui, que é justamente dar importância a linguagem, através de um processo de desliteralização, oposto ao nosso tão corriqueiro literalizar. Hillman diz em um dos parágrafos:

“Bem, a linguagem é essencial a todo aparato mental de toda personalidade. Então, a linguagem deve ser um componente essencial de minha neurose. Se sou neurótico, sou neurótico na linguagem. Consequentemente, a unilateralidade que caracteriza toda neurose em geral é também encontrada especificamente como uma unilateralidade da linguagem.”

Com isso ele nos diz que a linguagem é um componente da neurose de cada um, portanto se sou neurótico, sou também no meu modo de se expressar. Exemplos: Se sou uma pessoa explosiva com as coisas, meu modo de expressar minha linguagem para com os outros acaba sendo explosiva e pouco paciente, se me sinto vítima, acabo agindo e me comunicando como uma vítima, se sou quieto e guardo tudo para mim, acabo me comunicando pouco ou quase nada, se gosto de falar muito e de ouvir pouco, me comunico dessa mesma maneira inflexível, e daí em

diante. Acredito que todos tenham se identificado com alguns desses exemplos.

E que tal começarmos a deslitteralização agora? Começando por uma análise do que foi escrito e como pegamos a maioria das vezes, apenas as partes que queremos ver/ouvir. Tenho certeza de que quem leu, prestou atenção quase unicamente na descrição dos exemplos, tentando se encaixar em alguma das neuroses, ou encaixando pessoas que conhecem ali, e tudo bem afinal, eu mesmo tive de fazer isso para escrever esse trecho. Mas também tenho quase certeza de que a maioria não se atentou no que foi dito antes. Em que parte? Naquela em que diz que esse modo de linguagem neurótica é “um dos componentes” dessa linguagem, e não o único, seria uma das perspectivas, um dos modos de nos comunicarmos, e não o único, o que nos remete a isso que Hillman chamou de “unilateralidade da linguagem”.

Se pensarmos novamente nos parágrafos anteriores, sobre os conflitos, podemos fazer um belo paralelo com o que foi dito agora. Pois, diante de uma situação de desentendimento, de mal entendido, indiferente da parte de quem a situação tenha se iniciado, temos sempre a opção de nos deixar levar por nosso ego, nosso orgulho, e agir instintivamente caindo em repetição, deixando o sangue subir e se comunicando unilateralmente então, como nos exemplos acima. Mas, também temos múltiplas outras opções, diversos pontos de vista diferentes do que costumamos usar, outros modos de nos comunicarmos, que podemos nos convidar a usar fora de nossa velha conhecida zona de conforto (a qual, convenhamos, não nos leva muito longe se nos mantivermos dentro). E reforço a parte do “nos convidar” pois isso é sim, um exercício que temos que pôr em prática sempre, começar a pensar fora do que estamos habituados a pensar, nos momentos onde parece que o que nos é exigido é perder o centro e estourar, que passemos a fazer justamente o oposto, que possamos parar, respirar, pensar e ao mesmo tempo sentir, e aí sim, se comunicar. Muitas vírgulas, mas é porque tem de ser um processo que acontece pausadamente, não devemos nos apressar e responder logo, senão inevitavelmente acabamos estourando.

Unilateralidade nos remete a apenas um lado, e geralmente queremos que seja o nosso lado, discussões e conflitos sempre acabam virando uma guerra de opostos e ideais, e isso acaba levando obrigatoriamente a lugar algum, e isso é fato. Esquecemos de pensar que indiferente da situação, sempre temos nossa responsabilidade, e somos sim, responsáveis por nos compreender primeiramente, e não a apenas esperar que o outro simplesmente nos entenda, pois se não sabemos o que queremos, como vamos querer que o outro nos entenda? Complicamos bastante para o outro lado, o qual muitas vezes adoramos jogar a responsabilidade por essa falta de compreensão própria. Devemos dosar nossas palavras do mesmo modo que um farmacêutico deve fazer misturas nas proporções corretas, ou um remédio poderia matar em vez de curar. (A própria palavra *pharmakon*, do grego, significa tanto veneno quanto remédio.)

A armadilha aqui, acaba sendo a de alimentarmos tão vorazmente nosso ego, que desviamos o nosso foco primário, o qual deveria ser o de entender melhor a nós mesmos, e com isso damos menos importância ainda em tentar entender o outro, a não ser que esse outro faça/fale/aja de acordo com aquilo que achamos que seja certo, e desconsideramos quase totalmente a individualidade dessa outra pessoa. Estamos assim, entendendo literalmente as forças do nosso orgulho, e ignorando todas as outras forças e formas de comunicação em nós que também querem se manifestar.

Por diversas vezes, em alguns atendimentos, e muito disso com pessoas do cotidiano, me é familiar um movimento muito comum, onde parece que conforme ficando adultos, necessariamente ficamos mais rígidos, pesados, talvez por um acúmulo de questões não resolvidas ou decepções com a vida, ou por essas e outras razões, e acabamos nos enchendo de uma certeza, de um conhecimento absoluto e imutável sobre tudo e até mesmo sobre todos também, que conseqüentemente nos leva a esquecer de cultivar algumas coisas extremamente simples e básicas, coisas tão essenciais mas que infelizmente decidimos deixar em nossas infâncias, como algo bobo que devia ter sido superado. Não percebemos que quanto mais palavras duras dizemos, mais dureza acrescentamos a vida, mais imobilidade e fixações, e tornamo-nos nós mesmos concretizações literalizadas dessas nossas decepções e desamores, e

nesse caminho unilateral, não concretizamos tudo aquilo que poderíamos estar vivendo, se tivéssemos nos permitido.

Mas que coisas são essas então? Digo na minha opinião que a humildade, bastante em falta hoje, honestidade para consigo mesmo e com os outros (pois o que vem de dentro, se reflete lá fora), conseqüentemente a bondade, e a simples curiosidade infantil e inocente, de querer saber o porquê das coisas, e os motivos por trás. E é engraçado pensar como parece uma coisa besta dizer que devemos cultivar um pensamento com essa parte infantil, mas o quão realmente infantis não acabamos sendo ao bater o pé para alguma coisa que não são compatíveis com nossos ideais, e por nos mantermos num grande realismo exacerbado e ingênuo de nossa compreensão literal das coisas, preferimos aceitar as coisas como são dadas, e ceder ao medo de fazer qualquer outra coisa diferente. Como podemos ter fé no que fazemos se as palavras e atos que usamos para isso são desincorporadas e sem conteúdo? Não acreditamos no que falamos, e acabamos esquecendo também o que na verdade queremos dizer com isso, a falta de substância, de imaginação, nos remete a essa falta de significado em nossas palavras e conseqüentemente, a falta disso tudo em nós mesmos.

Então como podemos entender melhor essa coisa de desliteralizar, esse negócio de linguagem unilateral? Bom, acredito que Hillman também pode estar nos ajudando nessa questão com outra proposta para entendermos melhor esse processo, o qual seria usando uma linguagem metafórica.

Muitas vezes, como psicólogos, temos que usar uma linguagem bastante metafórica para entender e comunicar o que precisamos, aos nossos pacientes. Uma linguagem metafórica as vezes é uma linguagem terapêutica em si, pois em terapia escutamos o discurso do paciente mas não apenas o que é dito, o corpo desse discurso, a voz, mas vamos mais a fundo e procuramos sempre ver o que está por trás do que está sendo mostrado. Esse é o conceito de eidolon, que resumidamente quer dizer “ver através”, ou “aquilo que se vê através”.

Essa linguagem nos dá um caminho diferente, fora das verdades absolutas e extremas, nos dá um caminho de meias verdades, meios tons, uma perspectiva escurecida, que nos permite lidar melhor com nossa imprecisão em entender os movimentos da alma, e para tal, usamos mitos, histórias, contos e fábulas como meios de correlacionar e comunicar aos pacientes os dramas o qual estão passando naquele momento. Como entender esses conceitos de alma e mitos de um modo mais claro então? Esse é o ponto da linguagem metafórica. Poderíamos entender literalmente que estou falando de uma perspectiva não clara, que estou falando de alma no sentido cristão, e como assim relacionar a vida de alguém com mitologias?

Desliteralizando a metáfora e vendo através do aparente então: Quando Hillman fala sobre uma perspectiva escurecida, de meios tons, falamos aqui de uma perspectiva na penumbra mas não obscurecida, nem muito clara onde a luz possa nos cegar, e nem tão escura que não possamos enxergar nada, e é nesse meio termo onde o encontro acontece, e onde podemos ver muito além. Ainda para Hillman, o conceito de alma refere-se aqui como tudo aquilo que nos remete a uma interioridade, ou a um aprofundamento de eventos e experiências, onde cada um tem sua própria interioridade, cada coisa tem uma interioridade conforme o modo como a olhamos, para mim tem uma, para você tem outra, e assim por diante, um momento é dotado dessa interioridade, dessa alma, quando ele tem um significado para aqueles ali presente, então certamente é significado de alma muito diferente do espiritual religioso. A própria palavra “psicologia” se fragmentada, teremos psique e logos, que respectivamente querem dizer alma e diálogo, e nesses termos, psicologia seria um diálogo da alma, da alma de cada um, do interior de cada um.

Do mesmo modo, a palavra metáfora quer dizer “o mito ou fábula, abreviado”, e tanto um quanto o outro correspondem a expressão de toda uma cultura, tal como seus anseios, sofrimentos, vontades, conquistas, modos de entender manifestações da natureza, surgimento das coisas e do mundo, contadas em uma linguagem aparentemente distorcida e sempre fantástica, e onde o conjunto desses mitos tornam-se mitologias. Mitologia grega, mitologia

nórdica, mitologia de histórias em quadrinhos, não importa qual delas, todas elas nos contam histórias e dramas pessoais que sempre dizem respeito a conflitos internos que todos nós nos encontramos, ou já nos encontramos um dia, e justamente por serem histórias fantasiosas é que elas nos proporcionam uma perspectiva nova, elas despersonalizam, desliteralizam nossas neuroses, nossos complexos, e ressaltam nossa humanidade por simplesmente nos mostrar que todas essas questões são comuns a todo ser humano, e vemos que ninguém está totalmente sozinho nesse caminho.

Acho importante ressaltar aqui uma aparente contradição. Basicamente toda história mitológica, e todo personagem mitológico é essencialmente egoico, falam sobre um ego heróico, e o que estamos propondo até então é justamente uma certa desapropriação desse ego. Então, como assim? Bom, vejam que é justamente por isso que se usam mitologias e seus heróis como paralelos. Todo herói cai, e o maior problema de nossa sociedade hoje, é uma identificação muito grande com esse ego heroico, com uma repetição dessa etapa do ciclo do herói onde o indivíduo acaba preso e não consegue sair, não alcançando sua redenção e se mantendo sempre preso em todos aqueles conflitos dos quais falamos a pouco. Então, cada caso é um caso, e cada momento também, assim como podemos usar os mitos para reforçar esse ego heroico que pode aparecer fragilizado, também falamos sobre esses mitos heroicos meramente como um apontamento de uma fase, da redenção dos personagens nesse mito, e não apenas como uma exaltação ou reforço do ato heroico em si.

James Hillman fala disso bem claramente:

"Nosso estilo de consciência está baseado no herói e é egocentrado. Damos crédito aos problemas e desacreditamos as fantasias, de modo que as fantasias se nos apresentam primeiramente projetadas enquanto problemas, que são fantasias literalizadas. Fazer de algo um problema apela para o ego heroico que necessita de sua fantasia de problemas. Criar problemas ou resolvê-los reforça a cortina literalista defensiva contra as fantasias. Porém, quando fazemos uma fantasia de algo, o tornamos, como a própria palavra diz, visível, conferindo-lhe luz. Enquanto os problemas atraem o desejo de poder, as fantasias evocam o poder da imaginação. Aqueles que trabalham profissionalmente com imaginação reconhecem o valor das fantasias e resistem a ter que transformá-las em problemas psicológicos a serem analisados. Isso ameaça suas realidades imaginais. Similarmente, aqueles que trabalham profissionalmente através da razão prática - cientistas ou assistentes sociais - resistem em ter seus problemas convertidos em fantasias. Elas ameaçam suas realidades de ego."

Este seria o efeito terapêutico da metáfora sobre nós. Somos carregados pela linguagem para dentro de um como-se, para dentro dessa interioridade, e nos encontramos num movimento de materialização da psique quanto da psiquização da matéria ao pronunciar nossas palavras. Ou seja, tornar real, dar corpo aquilo que nosso interior realmente quer, assim como nos voltar para dentro de nós quando nossos instintos nos impelem a tomar decisões precipitadas.

Jung já nos dizia isso em sua obra, Tipos psicológicos:

"As funções racionais são, por natureza, incapazes de criar símbolos já que produzem apenas um produto racional necessariamente restrito a um significado único, o que o impede também de abarcar seu oposto. As funções sensoriais também são inadequadas para a criação de símbolos porque, pela própria natureza do objeto, elas também estão confinadas a sentidos únicos que abarcam apenas eles mesmos e negam o outro. "

Um racionalismo excessivo limita nossa capacidade de simbolizar, ou interiorizar, pois como dito, seu modo restrito a um único significado (unilateral) impede uma aproximação com seu oposto, aquilo que normalmente não olhamos quando literalizamos, justamente por essas funções se prenderem a seu ego heroico e negando assim, esses opostos.

Acontece então que temos em nossa atualidade um retrato de uma psique que se prende muito em conceitos sem corpo, onde fantasia e imagem acabam não importando "realmente",

estão “somente” em nossa mente, e um corpo sem alma, um interior concreto sem graça, sem vida, que busca sua redenção por meio de um consumismo hedonista, e marxismo. Hillman nos diz que, se a linguagem não preencher essa necessidade de dar corpo a psique, a psique negada vai substanciar de qualquer modo, inesperadamente, endurecendo seus conceitos em coisas físicas ou metafísicas. E de fato, como vemos muito acontecer isso em consultório, através de patologias, sintomatizações, stress, alcoolismo, e a lista vai longe.

Enfim, depois de tudo isso, faço das palavras de Hillman as minhas, de que tudo que está sendo sugerido aqui, é um modo de repensar e recuperar primeiramente essa linguagem interna de cada um, para que esse melhor entendimento próprio possa ser resgatado, e que possamos a partir disso, entender verdadeiramente o outro.